

PENÉLOPE
FAZER E DESFAZER A HISTÓRIA
PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL — Nº 9/10 • 1993

DIRECTOR
A. M. HESPANHA

REDACÇÃO

Álvaro Ferreira da Silva (FE-UNL); Amélia Aguiar Andrade (FCSH-UNL); António Costa Pinto (CEHCP-
-ISCTE); António M. Hespanha (ics); Bernardo Vasconcelos e Sousa (FCSH-UNL); Carlos Fabião (FLL);
Fernando Rosas (FCSH-UNL); Helder A. Fonseca (ue); José Manuel Sobral (ics); Luís Krus (FCSH-
-UNL); Luís Ramalhosa Guerreiro; Mafalda Soares da Cunha (ue); Maria Alexandre Lousada (FLL);
Nuno Gonçalo Monteiro (ics); Nuno Severiano Teixeira (ue/UCP); Rui Ramos (ics); Valentim
Alexandre (ics); Vítor Serrão (FLUC); Secretário da Redacção: João Carlos Cardoso

Propriedade do título: Cooperativa Penélope. Fazer e Desfazer a História
Subsídios à Redacção da J.N.I.C.T. e S.E.C.

Os originais recebidos, mesmo quando solicitados, não serão devolvidos.

Na capa: «Monarchia de España», *Dialogo llamado Phelippino*, ms. da Biblioteca do Escorial.

© EDIÇÕES COSMOS
e Cooperativa Penélope

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

Capa

Fotolitos: Joerma - Artes Gráficas, Lda
Impressão: Litografia Amorim

Impressão e acabamentos: EDIÇÕES COSMOS

1ª edição: Fevereiro de 1993

Depósito Legal: 49152/91

ISSN: 0871-7486

Difusão
LIVRARIA ARCO-ÍRIS

Av. Júlio Dinis, 6-A Lojas 23 e 30 — P 1000 Lisboa
Telefones: 795 51 40 (6 linhas)
Fax: (1) 796 97 13 • Telex 62393 VERSUS-P

Distribuição
EDIÇÕES COSMOS

Rua da Emenda, 111-1º — 1200 Lisboa
Telefones: 342 20 50 • 346 82 01
Fax: (1) 796 97 13

A Colónia Portuguesa de Sevilha. Uma Ameaça Entre a Restauração Portuguesa e a Conjura de Medina Sidónia?

Santiago de Luxán Meléndez
Universidad de Las Palmas de Gran Canaria

I. A População Estrangeira em Sevilha: os Portugueses

«Durante aquella verdadera Edad de Oro andaluza, la zona gaditano-hispalense (pero también otras alejadas de la costa) fueron el punto de atracción de marinos vascos, casas castellanas, mercaderes genoveses y flamencos, franceses que ejercían todas las actividades, desde aguadores y lacayos hasta el gran comercio, pilotos de Ragusa, portugueses, alemanes (...) esta riada de gentes diversas explica el persistente crecimiento, el ambiente cosmopolita que captó Cervantes y la mezcla de sangres que allí se operó». (Domínguez Ortíz, A.: «La Andalucía del Renacimiento» in *História de Andalucía*, IV, 1980, pp. 232-233).

As palavras anteriores de Domínguez Ortíz expressam plasticamente a importância da presença estrangeira na bacia do Bétis durante toda a época moderna. Centrando-nos especialmente em Sevilha, e na conjuntura de 1640, conviria ressaltar o peso específico que a minoria lusitana chegou a alcançar, desde logo o sector de população estrangeira maioritário na cidade hispalense, como o documento que apresentamos põe em evidência.

A formação do Portugal dos Filipes a partir de 1580¹ incrementou o número de portugueses, muitos deles conversos, que habitavam Sevilha que, juntamente com Madrid, seria um dos locais preferidos pela colónia lusitana para se estabelecer. Num trabalho recente, Fernando Bouza demonstrou claramente a sua presença em Madrid e a sua afiliação à «Irmandade dos devotos de Santo António dos Portugueses da Corte», confraria fundada em Valladolid em 1604². Durante o reinado de Filipe III, os marranos portugueses viram alterar-se a atitude de tolerância em relação às condições de saída do reino vizinho para uma posição contrária, adoptada em 1610 perante as pressões do clero português que havia sido consultado para o efeito pelo Conselho de Portugal³. A chegada ao poder de Olivares, e sobretudo a sua importante intervenção nas finanças da Monarquia desde 1627⁴, melhorariam, de novo, a sua condição, provavelmente cerca de 1630, quando a chegada de portugueses a Sevilha se incrementa, até ao ponto de se afirmar que um quarto da população da cidade teria aquela origem e que o seu idioma seria dominante em determinadas ruas, inclusive

sobre o castelhano⁵. Assinalou-se que uma das causas fundamentais para o escasso aumento da população portuguesa por volta de 1640 foi a emigração motivada pela defesa das fortalezas e feitorias do Oriente e de África, o desenvolvimento do Brasil e a saída, por motivos religiosos e económicos, de muitos cristãos-novos em direcção à França, aos Países Baixos e à Espanha, especialmente a Sevilha:

«Muitos naturais haviam-se fixado na outra parte da fronteira, situação que a Monarquia dualista favorecia»⁶

O aumento da população portuguesa em Castela durante o reinado de Filipe IV não foi um facto isolado como o mostram os protestos do Conselho da Fazenda em 1622 contra os homens de negócios ou o do procurador de Burgos nas cortes de 1624⁷. Fruto desta preocupação com o estabelecimento de estrangeiros são também os inventários de portugueses realizados pela Inquisição das Canárias em 1626 para a cidade de La Laguna, para Orotava e até para a ilha de Gomera⁸.

No momento da insurreição portuguesa de 1640 que poria fim à união, calculou-se que haveria em Sevilha uns 2000 negociantes portugueses contra os 4000 da capital do reino⁹. Em qualquer caso, a guerra com Portugal, cuja fronteira estava tão próxima de Sevilha, provocaria medidas que afectariam toda a região, como a proibição do comércio, especialmente da exportação de trigo e prata, e colocariam a população portuguesa estabelecida em Sevilha numa situação delicada, agravada pela queda de um dos seus principais protectores, o conde-duque de Olivares. Fiel reflexo deste ambiente psicológico pode ser a missiva do presidente do Conselho de Castela a Filipe IV, referindo-lhe que:

«La ciudad está tan llena de portugueses y extranjeros que tienen por cierto la entrará el portugués si se determina a ello»¹⁰

II. O Recenseamento dos Estrangeiros de Sevilha de 1642

1. Apresentação

Entre a documentação de Guerra Antigua do Archivo General de Simancas¹¹, encontramos um cálculo do número de estrangeiros residentes em Sevilha que consideramos de grande interesse, tanto para o conhecimento da sua estrutura demográfica e social na cidade¹² como para poder realizar uma avaliação mais precisa do número de portugueses que se fixaram em Castela. Trata-se de uma relação mandada fazer pelo magistrado da Audiência Juan de Santelizes, a 2 de Dezembro de 1642. Recordemos que o mesmo funcionário havia julgado no processo do duque de Medina Sidónia, ouvindo os testemunhos e recolhendo os rumores que indicavam a presença de navios franceses, portugueses e holandeses entre Cádis e Sanlúcar¹³. Assim, na pessoa de Santelizes recaíram duas tarefas que relacionam a conjura do duque e o perigo de uma invasão portuguesa que poderia ter em Sevilha uma «quinta coluna» entre os lusitanos que habitavam as suas paróquias. O primeiro assunto, na possibilidade que levantava de um possível desembarque aliado, parece que ficou no campo das suposições. O segundo, o potencial perigo da colónia portuguesa, expre-

so claramente pelo presidente do Conselho de Castela, será o objecto do recenseamento que apresentamos e também resultará no desmentido oficial.

O inventário distingue entre naturais e estrangeiros considerando como tais, por ordem de importância, os portugueses, franceses, biscainhos, ingleses, flamengos, catalães, genoveses e, finalmente, os escravos.

O documento é o resultado de uma investigação realizada por agentes eclesiás-ticos sobre os recenseamentos de confissão desse ano, pelo que se deverá ter em conta que não figuram nem clérigos nem religiosos, como nele se indica. Como é realçado na nota justificativa, Santelizes dá conta de que fez com

«que cada cura volviese a recorrer por las casas de las suyas [parroquias] los Padrones deste año con todo secreto diligencia y cuydado...»

O objectivo desta averiguación que se confia aos párocos é saber se a cidade se encontra em perigo pela presença excessiva de estrangeiros, ainda que, de modo implícito, as atenções convergessem sobre a colónia portuguesa, como era natural pensar naqueles anos:

«Como en tantas ocassiones he representado a esta ciudad y otros particulares a VM el numero excesivo que en ella ay de Portugueses, Franceses y de otras naciones...»

Sobre os recenseamentos da confissão, aos quais a historiografia atribui uma grande veracidade, do ano que terminava, verificou-se e recolheu-se informação casa a casa, paróquia a paróquia. O resultado é uma informação tranquilizadora, pois que muitos deles se encontram casados e estabelecidos na cidade:

«Lo que alcanzamos del numero de extranjeros desta Zuidad hallarse muchos cassados y avecindados en ella. Junto com el estado y disposición de las cossas, parece que ay poco que Reçelar de las Naciones».

Viver em Sevilha e estar casado com uma espanhola não era o mesmo que ocupar o posto de soldado em presídios como os das Canárias, os dos arquipélagos portugueses da Madeira e Açores, etc., pelo que uma das primeiras preocupações em 1640 foi substituir os elementos portugueses da guarnição, chegando-se inclusivamente a duvidar da lealdade dos espanhóis casados com portuguesas¹⁴.

Devemos finalmente precisar que o conceito de natural se restringe, como pode observar-se, aos habitantes do reino de Castela e não como outros inventários em que se estende aos súbditos do império na Itália e na Flandres¹⁵.

2. Distribuição da população

a) A população sevilhana em 1642

O total de vizinhos de Sevilha para este ano é de 31 214. Comparando-o com o de 1588 verifica-se um crescimento de 4228 vizinhos em 54 anos¹⁶. Se utilizássemos um coeficiente de 4,7, que é o sugerido por Domínguez Ortíz, obteríamos um total de 146 705 habitantes que seriam, no entanto, alguns milhares mais, se fosse

incluído o clero¹⁷. Mesmo fazendo uma estimativa por baixo, Sevilha poderia contar, em 1642, com mais de 130 000 habitantes.

Para compreender a distribuição do número de vizinhos entre *naturales* e de *otras naciones* pode observar-se o quadro junto — 81,7% corresponde aos naturais e 18,73% à população estrangeira:

Total de Vizinhos

Categorias	Nº Absoluto	%
Naturais	25370	81,277632
Portugueses	3808	12,199654
Franceses	835	2,6750817
Escravos	782	2,5052861
Biscainhos	142	0,4549241
Flamengos	120	0,3844429
Genoveses	104	0,3331838
Catalães	29	0,092907
Ingleses	18	0,0576664
Holandeses	6	0,0192221
Total	31.214	99,995

Se o quadro é suficientemente descriptivo pode acrescentar-se que parece destacar-se a presença de uma colónia portuguesa muito superior aos números que tradicionalmente se apresentavam. Contrapondo-se às 2000 famílias portuguesas¹⁸, temos 3808, número realmente importante, que, a ser correcto, justificaria o alarme da população perante um possível ataque português. Em segundo lugar devemos notar o número de franceses, 835 vizinhos, muito inferior aos portugueses. O inventário de 1665 sobre os homens aptos para a guerra, apesar de faltarem cinco paróquias, colocaria, contudo, os franceses em franca vantagem¹⁹. Finalmente merece destaque o grupo dos escravos em franco decréscimo em relação ao século anterior²⁰.

O resto dos estrangeiros não nos dá números significativos, embora biscainhos, flamengos e genoveses estejam acima dos 100 vizinhos. Se os considerarmos globalmente, eles representam 1,34% do total dos vizinhos de Sevilha.

b) *Distribuição por paróquia*

O total da população não se encontrava distribuído uniformemente pela cidade. Observa-se uma concentração nas paróquias maiores e centrais, centros económicos da cidade, como Santa María la Mayor, Santa Ana e San Salvador, com 5470, 3129 e 2778 vizinhos, respectivamente. Estas, juntamente com as igualmente importantes paróquias de La Magdalena e Omníum Santorum, continham quase 50% da popu-

lação sevilhana de 1642. Comparando-as com o número conhecido para 1588, observa-se um crescimento em três delas, excepto nas de Santa Ana e Omníum, onde a população se estabilizou²¹.

No extremo oposto temos as paróquias mais pequenas de Santa María la Blanca e de San Juan de Acre, com 231 e 89 vizinhos. A primeira cresceu desde 1588, a segunda vê a sua população estabilizar-se.

Vizinhos por Paróquia, Total por Ordem Crescente

Paróquia	Número	%
Santa María la Mayor	5.740	18,389184
Santa Ana	3.129	10,024348
San Salvador	2.778	8,8998526
La Magdalena	2.004	6,4201961
Omníum Santorum	1.728	5,5359774
San Vicente	1.565	5,0137759
San Lorenzo	1.495	4,7895175
San Gil	1.421	4,5524444
Santa Catalina	803	2,5725636
San Isidro	760	2,4348049
San Martín	746	2,3899532
San Roque	737	2,36112
San Juan de Palma	648	2,0759915
San Bartolomé	622	1,9926956
Santa Lucía	561	1,7972705
Santa Cruz	545	1,7460114
San Miguel	544	1,7428077
Santa Marina	542	1,7364003
San Pedro	522	1,6723265
San Román	512	1,6402896
San Marcos	468	1,4993272
San Julián	464	1,4865125
San Esteban	462	1,4801051
San Bernaedo	458	1,4672903
San Ildefonso	431	1,3807907
San Andrés	413	1,3231042
Santiago el Viejo	380	1,2174024
San Nicolás	335	1,0732364
Santa María la Blanca	231	0,7400525
San Juan de Acre	89	0,2851285
Total	31.214	99,727

A população continua a concentrar-se praticamente nas mesmas paróquias que já tinham um maior número de habitantes desde o primeiro terço do século XVI, embora agora Santa María la Mayor seja nitidamente a mais povoada²².

Estas paróquias, com exceção de San Vicente, substituída por San Gil, são também as que têm um maior número de estrangeiros; Santa María la Mayor com 1403 vizinhos estrangeiros representa 17,8% do total e 18% da sua paróquia; San Salvador, com 843, representa 14,2% (30% da sua paróquia); Omnium Santorum, com 428, 7,3% do total e 24,7% da sua paróquia; La Magdalena, com 348, 6,8% do total e 19% da sua paróquia; San Gil, com 312, 5,3% do total e 21% da sua paróquia; e, finalmente Santa Ana, com 280, 4,7% e 8,9%, respectivamente.

Existiam estrangeiros em quase todas as paróquias: portugueses e escravos aparecem em todas bem como franceses, excepto em San Julián e em San Juan de Acre. No tocante às colónias mais pequenas, a dos flamengos era a que se encontrava mais distribuída (14 paróquias), seguida pela catalã e pela genovesa em 11 e 10 paróquias respectivamente. No entanto a sua presença devia parecer maior em paróquias pouco extensas onde representavam mais de 30% do total. É este o caso de San Nicolás (46,86% de estrangeiros), Santa María la Blanca (39,82%) e Santa Cruz (33,94%). No extremo oposto, onde os estrangeiros eram menos representativos, encontram-se San Juan de Acre (94,38% de naturais), San Roque, com 93,62% de naturais²³ e Santa Ana (91,05%).

c) Distribuição por paróquias das colónias portuguesa e francesa e dos escravos.

A população portuguesa pode dividir-se em três grupos. Com mais de 200 vizinhos estariam San Salvador [646], Omnium [371], La Magdalena e San Gil [286] e Santa Ana [205]. Nestas concentrar-se-iam 62% do total de portugueses, com destaque para San Salvador.

Um segundo grupo, entre 200 e 50 vizinhos, seria formado por: Santa Lucía [122], San Lorenzo [110], San Isidro [102], Santa Catalina [99], San Nicolás [98], San Martín e Santa Cruz [86], San Andrés [79], San Esteban [67], San Bernardo [66], Santa María la Blanca [56], San Julián [52] e San Bartolomé [50]. Um total de 13 paróquias com 28% do total.

Por fim, os restantes 10% viveriam em Santa Marina [46], San Roque [40], San Miguel [37], San Juan de la Palma [35], San Vicente [27], San Román [25], Santiago el Viejo [21] e San Juan de Acre [3]. Mais de metade da população francesa estava localizada em Santa María la Mayor [233], San Salvador [89], Santa Catalina [61] e La Magdalena [54].

A população escrava concentrar-se-ia igualmente em Santa María la Mayor com 112 indivíduos, na sua maioria mulatos e negros²⁴, San Salvador [79], San Miguel [73], San Vicente [58], Santa Ana [55] e La Magdalena [54].

O grosso da população estrangeira concentra-se, então, em cinco ou seis paróquias que coincidem com as que contam com mais portugueses. Os franceses têm Santa María la Mayor e San Salvador como paróquias mais significativas, a que há

que acrescentar Santa Catalina. Entre as paróquias com escravos aparece como novidade San Miguel. Santa María la Mayor e Santa Cruz seriam as com maior número de biscainhos, San Isidro de flamengos e os genoveses estariam estabelecidos sobretudo em Santa María la Mayor e Santa María la Blanca.

Em jeito de *conclusão* podemos afirmar, em primeiro lugar, que o recenseamento de Santelizes patenteia a dinâmica da população sevilhana que, na primeira metade do século XVII, está em claro crescimento em comparação com os finais do século XVI.

Este incremento teria possivelmente como factor decisivo a chegada de imigrantes, entre os quais os portugueses ocupariam um lugar destacado. O estudo de García Baquero sobre a paróquia de San Martín corrobora esta avaliação. Effectivamente, na dita paróquia os lusitanos constituíam o segundo grupo, logo a seguir aos da planície sevilhana.

O grau de exactidão deste recenseamento, que representa um total de população para cidade bastante superior ao indicado até à data, pode avaliar-se tendo em conta os objectivos e o método utilizado para a sua elaboração.

Tradução de Nuno Miguel Camarinhas

- ¹ Da parte espanhola devem citar-se os estudos de F. BOUZA ALVAREZ, *Portugal en la Monarquía Hispánica (1580-1640). Felipe II, Las Cortes de Tomar y la génesis del Portugal Católico*, Madrid, 1987 e S. de LUXAN MELENDEZ, *La revolución de 1640 en Portugal, sus fundamentos sociales y sus caracteres nacionales. El Consejo de Portugal: 1580-1640*, Madrid, 1988. Da parte portuguesa o contributo historiográfico destes últimos anos foi recolhido por J. ROMERO MAGALHÃES, «Panorama de L'Historiographie portugaise récente, XVI-XVII siècles» e A. de OLIVEIRA, «Soulèvements populaires au Portugal à l'époque moderne. Revue bibliographique (1974-1987)», ambos incluídos em *La Recherche en Histoire de Portugal*, Centre d'Etudes Portugaises, Paris, 1989, pp. 33-40 e 41-48. Devem também acrescentar-se: A. M. HESPANHA, *Visperas del Leviatán. Instituciones y poder político (Portugal, s. XVII)*, Madrid, 1989 e A. de OLIVEIRA, *Poder e oposição política em Portugal no período filipino (1580-1640)*, Lisboa, 1990.
- ² F. BOUZA ALVAREZ, «La nobleza portuguesa y la corte madrileña hacia 1630-1640. Nobles y lucha política en el Portugal de Olivares», in *La rupture luso-castillane de 1640*, Centre d'Etudes Portugaises (EHESS), Paris, Maio de 1992.
- ³ A. DOMÍNGUEZ ORTÍZ, *Los judeoconversos en España y América*, Madrid, 1971, p. 62.
- ⁴ J. C. BOYAJIAN, *Portuguese Bankers at the Madrid Court, 1626-1650*, New Brunswick, 1982.
- ⁵ Utilizo a citação de A. DOMÍNGUEZ ORTÍZ, *Política y Hacienda de Felipe IV*, Madrid, 1960, p. 138.
- ⁶ J. V. SERRÃO, «Uma estimativa da população portuguesa em 1640», Separata das *Memórias da Academia das Ciências*, vol. XVI, pp. 213-303, Lisboa, 1975.
- ⁷ Ver nota 5, pp. 128-129.
- ⁸ S. F. BONET, «Familias portuguesas en La Laguna del siglo XVII», in *Revista de Historia*, 93, 1951, pp. 111-118. Naquele censo contabilizou-se para a cidade de La Laguna um total de 18 famílias portuguesas.

- 9 A. DOMÍNGUEZ ORTÍZ, *Orto y ocaso de Sevilla*, Sevilha, 1974, pp. 79-80 e *Los judeoconversos...*, op. cit., p. 69. O número dos negociantes residentes na corte é recolhido por este historiador a partir de fontes inquisitoriais, considerando-o excessivo.
- 10 Do mesmo autor, *Historia de Sevilla: La Sevilla del siglo XVII*, Sevilla, 1984, p. 23.
- 11 AGS, GA, leg. 1455.
- 12 G. GARCIA BAQUERO, *Estudio demográfico de la parroquia de San Martín de Sevilla*, Sevilha, 1982.
- 13 A. DOMÍNGUEZ ORTÍZ, «La conspiración del Duque de Medina Sidonia y el Marqués de Ayamonte», in *Crisis y decadencia en la España de los Austrias*, Barcelona, 1971, pp. 115-153. L.I. ALVAREZ de TOLEDO, *Historia de una conjura (la supuesta rebelión de Andalucía, en el marco de las conspiraciones de Felipe IV y la independencia de Portugal)*, Cádis, 1985.
- 14 S. de LUXAN MELENDEZ, «Islas adyacentes (Madeira y Azores) y plazas portuguesas del Norte de África, Canarias y la Baja Andalucía ante la Restauración portuguesa», in *Actas do II Coloquio Internacional de Historia de Madeira*, Funchal, 1989, pp. 621-635. Igualmente «Los soldados del presidio de La Madera que fueron «desechados» a Lanzarote en 1641: contribución al estudio de la coyuntura restauracionista portuguesa en Canarias», in *IV Jornadas de estudio sobre Fuerteventura y Lanzarote*, 1989 (no prelo).
- 15 In *Orto y Ocaso...*, Domínguez Ortíz especifica ao transcrever o inventário de homens aptos para combater através dos registos de 1665, que incluem todos os súbditos do império e só aparecem recenseados como estrangeiros os franceses e os portugueses. Op. cit., p. 160.
- 16 A. DOMÍNGUEZ ORTÍZ, *La Sevilla del XVII*, op. cit., p. 68. Se tomarmos esse ano como índice 100, o número dos vizinhos de Sevilha aumentou 115,66%. Tudo isto apesar da peste de 1599-1601, da expulsão dos mouros em 1610 e da crise económica.
- 17 A. DOMÍNGUEZ ORTÍZ, Ibidem, pp. 68 e ss. Para 1649 estima um total de 125 000.
- 18 O cálculo foi feito por GIRARD em «Les étrangers dans la vie économique de L'Espagne au XVI et au XVII siècles», in *Annales d'Histoire économique et sociale*, 1933, pp. 567-578. Domínguez Ortíz em *Orto y Ocaso...*, op. cit., p. 79, considera-o um exagero embora em *Los judeoconversos...*, p. 69, o considere razoável. Ruth PIKE, com grande prudência, ao referir-se aos estrangeiros, assinala que não foi possível determinar o seu número e que os números adiantados não passam de conjecturas: *Aristócratas y comerciantes. La sociedad sevillana en el s. XVI*, Barcelona, 1978, p. 15.
- 19 A. DOMÍNGUEZ ORTÍZ, *Orto y Ocaso...*, p. 160. Haveria 630 franceses para 401 portugueses.
- 20 F. MORALES PADRON, *Historia de Sevilla: La ciudad del Quinhentos*, Sevilha, 1989, p. 102. No recenseamento de 1565 há um total de 6327 escravos em comparação com pouco mais de 3000 que poderemos calcular para 1642.
- 21 A. DOMÍNGUEZ ORTÍZ, *La Sevilla del s. XVII*, op. cit., p. 185. A expulsão dos mouriscos de Triana privou o bairro de 2176 pessoas em 1610.
- 22 A. COLLANTES de TERAN, *Sevilla en la Baja Edad Media. La ciudad y sus hombres*, Sevilha, 1984, p. 163. Em 1533 San Salvador era a paróquia com maior número de habitantes. R. PIKE, op. cit., p. 25. Em 1588 Santa Ana era a freguesia mais povoada.
- 23 AGUADO DE LOS REYES, Jesús: «La peste de 1649: las collaciones de Santa Cruz y San Roque», in *Archivo Hispalense*, nº 219, Sevilha, 1989, pp. 45-56. Põe em evidência as diferenças populacionais das duas paróquias. Segundo o recenseamento de Santelizes, em Santa Cruz os estrangeiros seriam mais representativos ao contrário de San Roque (6,3%).
- 24 DE CIRES ORDOÑEZ, Juan Manuel, GARCIA BALLESTEROS, Pedro e VILCHEZ VITIENES, Carlos A.: «Negros antes que esclavos», in *Archivo Hispalense*, op. cit., pp. 29-43.